

A CONSTRUÇÃO CONCESSIVO-COMPARATIVA ANTEPOSTA ENFÁTICA “ATÉ QUE PARA X, Y”: ELEMENTOS HOLISTICAMENTE EMPREGADOS PARA EXPRESSAR CONCESSIVIDADE E COMPARAÇÃO¹

Gabriela da Silva Pires²

Luiz Fernando Matos Rocha³

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns resultados do estudo da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática (CCCAE), esquematizada como “ATÉ QUE PARA X, Y” e instanciada em ocorrências como “*Até que para um iniciante me saí bem*”. Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), e igualmente ancorados nas abordagens sobre concessividade (KÖNIG, 1985) e comparação linguística (HASEGAWA et al., 2010), buscamos legitimar nosso objeto de estudo como uma Construção Concessivo-Comparativa. Após análise empírica dos dados (2860 ocorrências coletadas da Web), abordamos alguns aspectos semântico-pragmáticos da CCCAE e destacamos que esta construção apresenta a correferencialidade entre X e Y como configuração mais central.

Palavras-chave: Gramática das Construções, Concessividade, Comparação.

ABSTRACT

1 O presente trabalho é baseado nas seções 6.1, 6.2, 6.4 e 6.6 de minha tese de doutorado (PIRES, 2016), com algumas alterações.

2 Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa. E-mail: gabriela.pires@ufv.br.

3 Professor e pesquisador da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: luiz.rocha@ufjf.edu.br.

The aim of this paper is to present some results of the study of Emphatic Prefixed Concessive-Comparative Construction (henceforth CCCAE), schematized by “ATÉ QUE PARA X, Y” and instantiated in utterances such as “*Até que para um iniciante me sai bem*”. The theoretical approach adopted is the Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006, FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), and also the approaches of concessivity (KÖNIG, 1985), and linguistic comparison (HASEGAWA et al., 2010). We propose to legitimize our object of study as a Concessive-Comparative Construction. From the results of the empirical data analysis, we discuss some semantic-pragmatic aspects of the CCCAE and emphasize that this construction presents the coreferentiality between x and y as the most central configuration.

Keywords: Construction Grammar, Concessivity, Comparison.

Introdução

No presente trabalho, apresentamos um recorte de nosso estudo acerca de certas estruturas que permitem uma leitura concessivo-comparativa e se instanciam em ocorrências como as do tipo “*Até que para um jogador de basquete ele dança bem*”. Comum a essas expressões é a estrutura “ATÉ QUE PARA X_[CARÁTER INDEFINIDO] Y_[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]”, que parece evidenciar certas generalizações sobre esquemas conceituais compartilhados, acionados na contraparte “ATÉ QUE PARA X” –, e quebras de expectativas, consolidadas na contraparte Y.

Seguindo o aporte sociocognitivista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012), e igualmente ancorados nas abordagens sobre concessividade (KÖNIG, 1985; KÖNIG e SIEMUND, 2000) e comparação linguística (HUANG, SHIH e CHEN, 2008; HASEGAWA et al., 2010), buscamos descrever essa estrutura como uma Construção Concessivo-Comparativa.

O interesse em empreender este estudo se justifica por vislumbrar, nesta tarefa, uma oportunidade de descrever e analisar uma estrutura concessivo-comparativa, considerada não-canônica, e, dessa forma, corroborar a importância de abordagens sensíveis aos dados. Assim, os principais objetivos deste trabalho são: (i) legitimar empiricamente nosso objeto de estudo como um fenômeno construcional, que licencia uma leitura de concessividade e comparação; (ii) descrever a configuração das construções a partir da abordagem construcionista de Fillmore, Lee-

Goldman & Rhomieux, (2012); (iii) discutir questões sobre a centralidade de configurações da referida construção.

Uma vez que o esquema semipreenchido “ATÉ QUE PARA X_[INDEFINIDO] Y_[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” tem como contraparte estruturalmente mais estável a sequência “ATÉ QUE PARA X”, foram delineadas quatro expressões para nortear a busca de ocorrências: “até que para/prá quem”, “até que para/prá alguém”, “até que para/prá um” e “até que para/prá uma”. Dentre essas, elencamos o conjunto “até que para/prá um/a” para este trabalho. Para tanto, conduzimos uma abordagem empírica e elencamos três domínios da internet para a busca de dados: (i) abril.com.br; (ii) blogspot.com.br; e (iii) br.answers.yahoo.com. Ao final do processo, obtivemos 286 ocorrências, a partir das quais pudemos empreender o estudo.

Os desdobramentos da pesquisa são apresentados neste trabalho da seguinte maneira: na seção 2, trazemos um breve panorama do aporte teórico que sustenta nossa investigação; na seção 3, comentamos o procedimento metodológico de busca e tratamento dos dados; na seção 4, discutimos alguns pontos de análise para, na seção 5, tecermos as considerações finais.

2. Bases teóricas

2.1. A Gramática das Construções

É assumido, neste trabalho, que o conhecimento gramatical do falante deva se organizar em torno de construções de sua língua. As construções são, portanto, os emparelhamentos aprendidos entre uma forma e um significado ou uma função e que formam uma rede estruturada (GOLDBERG, 1995, 2006). Goldberg (2006, p. 5) sintetiza a definição do que sejam as construções gramaticais:

Todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pares aprendidos de forma com função semântica ou discursiva, incluindo morfemas ou palavras, idiomas, padrões frasais parcialmente preenchidos lexicalmente ou completamente genéricos⁴ (GOLDBERG, 2006, p. 5) (grifos da autora).

Pode-se dizer que essa concepção de construção procura dar conta do conhecimento gramatical

4 Nossa tradução de: “All levels of grammatical analysis involve constructions: learned pairings of form with semantic or discourse function, including morphemes or words, idioms, partially lexically filled and fully general phrasal patterns” (GOLDBERG, 2006, p. 5).

do falante como um todo. Como dito por Goldberg (2006, p. 18): “**tudo são construções**”⁵ (grifos da autora). Tudo são construções na língua no sentido de que o que fazemos nas interações linguísticas são padrões aprendidos que relacionam uma determinada forma a uma função (semântica ou discursiva), e se apoiam em nossa experiência de mundo. Esse postulado emblemático resume o pensamento construcionista, pois as construções “são os blocos constitutivos centrais da língua”⁶, e devem ser as unidades de análise dentro da linguística (BOAS, 2010, p. 4).

Um aspecto bastante significativo da proposta de Goldberg (1995, 2006) é a promoção de um alinhamento rigoroso entre sua proposta de gramática e a plausibilidade psicológica que esta deve manter com nosso aparato cognitivo, que é corporificado. A autora enfatiza recorrentemente em seus trabalhos que não há razão para se distinguir nosso empenho humano em organizar conhecimentos gerais do empenho em organizar conhecimento gramatical. A própria categorização (discutida por LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006, e outros), que é uma operação útil na aprendizagem, leva em conta a organização do conhecimento por meio dos itens tidos como mais exemplares, de caráter básico. A partir daí, são feitas extensões e ampliações de sentido.

Pensando no conceito da estrutura radial para categorização proposta por Lakoff (1987), assumimos que há um modelo idealizado que ocupa uma posição mais central e exibe efeitos de prototipicidade, mas também pode haver modelos menos centrais, radiais, que carregam uma ou outra propriedade do modelo central. Com as construções, também é possível estabelecer um nível organizacional de extensão e relação de sentido umas com as outras. É a chamada rede de heranças: uma construção se relaciona formalmente com outra, seguindo princípios que estruturam essa relação; o que faz com que se entenda as construções como uma rede taxonômica organizada.

Para reivindicar o lugar das construções na gramática, Goldberg (1995) enfatiza em seu trabalho as Construções de Estrutura Argumental (CEA), isto é, os emparelhamentos entre forma e função que trazem um padrão frasal que evidencia algum tipo de cena básica, disparada por um *frame* (esquema conceptual). Embora haja consenso de que o sentido global da construção se dê por meio da interação de todos os elementos (uma visão holística), o verbo ocupa, nesse tipo de abordagem, um *status* de predador, interagindo com os demais participantes, de modo a apresentar uma grade de argumentos específica para determinada construção e impulsionar inclusive o papel

5 Nossa tradução de: “it’s constructions all the way down” (GOLDBERG, 2006, p. 18).

6 Nossa tradução de: “(...) are the central building blocks of language” (BOAS, 2010, p.4).

semântico dos outros elementos. Há uma relação intrínseca entre a construção e o verbo evocador do *frame*, que irá moldar a cena.

Contemporaneamente, há uma proposta de abordagem construcionista inserida em um projeto chamado *Constructicon*, em que Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 321) postulam construções como “regras que licenciam signos linguísticos ‘novos’ baseados em outros signos linguísticos⁷”, e as estruturas licenciadas são chamadas de “construtos”. Em termos gerais, a estrutura chamada “construto” é entendida como o signo “mãe” e é formada por constituintes menores, chamados de “filhas”, que se relacionam por meio de regras e restrições (sintáticas, semântico-pragmáticas e contextuais). Para uma descrição, é necessário identificar as entidades linguísticas na extensão da instância da construção que representam seus constituintes. Atribui-se um nome à construção e, em seguida, são descritas as propriedades do construto “mãe” e as propriedades dos constituintes “filhas”, e por fim é fornecida uma instrução para a interpretação construcional.

Algumas construções têm sido reconhecidas e classificadas no projeto *Constructicon*. Interessa-nos mais intimamente, neste trabalho, a Construção de Realização do Qualificador de Grau (*Degree_qualifier_realization*). O construto dessa construção é constituído da seguinte forma: de um lado, um Sintagma Adjetival/Adverbial complexo formado por uma palavra modificadora de grau aliada a um adjetivo/advérbio; e, de outro, um contexto de complementação (reivindicado por meio da modificação de grau). Por exemplo, quando se diz que “*este menino é mais alto*”, espera-se um complemento, seja para especificar outro objeto de referência na escala, ou outro atributo (“este menino é mais alto que aquele”, ou “este menino é mais alto do que (é) bonito⁸”).

Os itens tipicamente marcadores de grau (mais, tão, muito, demais, o suficiente, etc.) podem se associar a padrões específicos de complementação. A modificação de grau pode ativar um contexto de complementação, trazendo um ambiente de referência e qualificação da modificação ocorrida. A seguir, apresentamos a representação informal da Construção de Realização do Qualificador de Grau (cf. FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 346):

7 Nossa tradução de: “(...) rules that license ‘new’ linguistic signs based on other linguistic signs” (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 321).

8 Exemplos adaptados de Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 321).

Nome	Realização do Qualificador de Grau
M	Sintagma X, que é identificado com o Sintagma de F1.
F1	Sintagma X contendo um Marcador de Grau (<i>mais, menos, tão, muito, etc</i>) e fornece o escopo da Modificação de Grau introduzida pelo Marcador de Grau.
F2	Qualificador de Grau. Com Comparativas, será um Sintagma “(do) que X”, “quanto X”; Com construções de suficiência (“ <i>bastante</i> ”, “o <i>bastante</i> ”, etc), poderá ser um Sintagma Infinitivo; dentre outros.
Interpretação:	o escopo da Modificação de Grau, fornecida pelo Qualificador de Grau, inclui a significação inteira de F1.

Quadro 1: Representação da Construção de Realização do Qualificador de Grau (CRQG)

Assim, uma sentença como “este menino é bastante alto para participar do jogo” teria a seguinte configuração para a CRQG:

(1) Este menino é {^{CRQG} [Marcador de Grau e Adjetivo bastante alto] [Qualificador de Grau para participar do jogo]}.

Com isso, pretendemos mostrar que a abordagem de construções apresentada no projeto *Constructicon* alinha-se com nosso objeto de estudo e fornece meios práticos para descrição da construção por nós estudada. Por ser voltada para a descrição de CEAs (Construções de Estrutura Argumental), a representação construcional fornecida por Goldberg (1995; 2006) não nos fornece os instrumentos específicos e adequados à nossa empreitada em termos de descrição da configuração construcional. Assim, uma das maiores vantagens em relação ao aparato do projeto *Constructicon* é ser uma ferramenta de descrição construcional que, segundo Fillmore, Lee-Goldman & Rhomieux (2012, p. 369) “é flexível o suficiente para manusear construções de qualquer tipo de complexidade⁹”.

2.2. Concessividade

König (1985) traz contribuições significativas sobre a concessividade, que, em termos

9 Nossa tradução de: “(...) is flexible enough to handle constructions of any level of complexity” (FILLMORE, LEE-GOLDMAN & RHOMIEUX, 2012, p. 369).

linguísticos, é a expressão, em um enunciado, da coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes. A situação prototipicamente descrita pode ser ilustrada como a seguir, com a fórmula básica de “embora p, q”: “*embora fosse domingo, ela trabalhou*”¹⁰. A cláusula concessiva (p) descreve uma situação (ser domingo) e a cláusula principal (q) descreve outro tipo de situação (ela trabalhou), entendida como indo contra as possíveis inferências geradas a partir da informação contida em p; uma vez que a própria configuração da oração concessiva implica que “normalmente” espera-se que alguém não trabalhe (ou não queira trabalhar) caso seja domingo. É assumida uma pressuposição subjacente à concessiva, que o autor descreve como: “Normalmente (se p, então não-q)”. König (1985, p.4) postula que “pelos padrões normais, há uma incompatibilidade ou conflito entre os fatos descritos por p e q: ‘p’ e ‘q’ não andam juntos normalmente”¹¹.

Entendendo que as relações concessivas lidam com certa frustração de causalidade, Verhagen (2000) discute o raciocínio inferencial envolvido. Segundo o autor, “alguém reconhece que, em circunstâncias altamente similares, uma mente muito similar a si mesmo faz uma inferência causal válida, enquanto, na realidade, essa inferência não é válida”¹² (VERHAGEN, 2000, p. 367).

Aliada a essa ideia, está outra característica das concessivas: tanto a verdade do conteúdo da oração concessiva como a da nuclear são afirmadas. Apesar de assumidamente conflitantes entre si, nenhuma das informações é negada pelo falante. Para Fretheim (2001), a verdade do segmento concessivo é construída em um contexto que a faz ser considerada pressuposta ou estipulada. Daí é gerada uma “incompatibilidade pragmática”, uma vez que o falante formula uma representação da crença de seu interlocutor, que pode não esperar que “q” (segmento nuclear) seja verdadeiro no mesmo contexto em que “p” (segmento concessivo) é estipulado como verdadeiro.

A incompatibilidade assinalada entre duas situações ganha *status* de notoriedade com a presença das contrapartes concessivas. O caráter enfático das concessivas é asseverado por König & Siemund (2000, p. 355), ao postularem que certos estudos do discurso “tipicamente caracterizam a função básica das sentenças concessivas como a asserção de um fato notável, a asserção de uma sentença que é verdadeira em circunstâncias desfavoráveis”¹³.

10 Exemplo nosso.

11 Nossa tradução de: “(...) by normal standards, there is an incompatibility or conflict between the facts described by p and q: ‘p’ and ‘q’ do not normally go together.” (KÖNIG, 1985, p. 4).

12 Nossa tradução de: “someone acknowledges that in highly similar circumstances a mind very similar to one’s own draws a valid causal inference, while this inference is actually not valid” (VERHAGEN, 2000, P. 367).

13 Nossa tradução de: “Sentence-oriented studies of written discourse typically characterise the basic function of concessive sentences as the assertion of a remarkable fact, the assertion of a sentence that is true in unfavourable

2.3. Comparação

Comparação, discutida de forma não estritamente composicional, é aqui compreendida como uma operação cognitiva básica e imprescindível em nosso meio sociocultural. Huang, Shih e Chen (2008) apresentam três elementos essenciais presentes na comparação: os itens comparativos (um item avaliado e um padrão comparativo), os atributos e as variações (graus).

Bastante significativa para este trabalho é a contribuição de Hasegawa et al. (2010, p. 170), que investigam a comparação como “a linguagem usada para comparar duas entidades dentro de alguma escala, em relação de igualdades como de desigualdades¹⁴”. Esses autores estudam construções comparativas levando em consideração a noção de *frame*: um conjunto de conceitos que se encontram estruturados de forma interdependente e são capazes de gerar expectativas (FILLMORE, 1982). O *frame* Comparação é descrito da seguinte forma: “Um valor em uma escala é comparado a outro. Cada grau representa o valor de algum atributo de uma entidade, situada ao longo de uma escala potencialmente quantificável¹⁵” (HASEGAWA et al., 2010, p. 185). Tal descrição é generalizada ao máximo para abarcar diversos itens comparativos e relacionados à comparação. Os autores postulam que este *frame* apresenta “atributo”, “item” e “padrão” como alguns de seus elementos definidores.

Em especial, interessa-nos a discussão dos autores sobre as chamadas construções comparativas implícitas, que envolvem uma expressão adjetiva avaliativa. Como exemplificado por Hasegawa et al (2010), uma expressão como “ele é baixo” traz, implicitamente, um padrão de comparação. Esse padrão implícito pode se fazer explícito, como em: “ele é baixo para um sueco”. Apesar de os autores não aprofundarem esta discussão, pode-se dizer que “para um sueco” imprime alguma expectativa de altura para as pessoas dessa nacionalidade/etnia. O indivíduo comparado pode não ser absolutamente baixo, já que a expectativa em relação aos suecos, segundo nosso conhecimento enciclopédico, é de altura relativamente elevada.

Definidos, em linhas gerais, os conceitos que embasam nossa empreitada investigativa, passamos aos procedimentos metodológicos usados para constituição de nosso banco de dados.

circumstances” (KÖNIG & SIEMUND, 2000, p. 355).

14 Nossa tradução de: “(...) the language used in comparing two entities with each other on some scale, both equalities and inequalities” (HASEGAWA et al, 2010, p. 170).

15 Nossa tradução de: “One value on a scale is compared to another. Each degree represents the value of some attribute of an entity, placed along a potentially quantifiable scale” (HASEGAWA et al, 2010, p. 185).

3. Procedimento metodológico

A partir da observação de ocorrências do tipo “*Para quem não fala, até que ele falou muito*”, estudadas em trabalho que investigava usos da perífrase “até que” (PIRES & ROCHA, 2011), foi levantada a hipótese de que o item em “PARA X” se apresentaria sob a forma de um elemento de caráter indefinido.

O próximo passo metodológico requerido foi, pois, delinear o objeto de estudo que instanciasse o esquema construcional “PARA X_[INDEFINIDO] Y_[COMENTÁRIO CONTRÁRIO]”. Tomando como base o caráter indefinido (não particularizado e genérico) do elemento que compõe a lacuna X, e buscando verificar a manutenção do valor indefinido associado a X, o objeto de estudo passou a contemplar os Pronomes “quem” e “alguém” e Sintagmas Nominais formados a partir dos Artigos Indefinidos “um” e “uma”. As expressões de busca foram, inicialmente: “para/prá quem”, “para/prá alguém”, “para/prá um” e “para/prá uma”.

O caráter inovador de nosso objeto de estudo requereria um banco de dados gigantesco. No entanto, as investidas iniciais em *corpora* disponíveis nos mostraram que o fenômeno que buscamos estudar com dados empíricos não foi satisfatoriamente encontrado mesmo em *corpora* considerados de grande porte. Passamos, então, à fonte mais acessível de dados linguísticos em abundância – a internet, através da busca avançada do Google.

Compreendendo a diversidade de sites da internet e as limitações de uma busca de amplo espectro, selecionamos três domínios da internet que permitissem restringir nossa busca para páginas em português do Brasil e, minimamente, que contemplassem estilos diversos. Os domínios escolhidos foram: (i) o Grupo Abril (abril.com.br); (ii) blogs de criação gratuita (blogspot.com.br); e (iii) a versão brasileira do site de perguntas e respostas, Yahoo Respostas (br.answers.yahoo.com). A coleta consistiu em selecionar os 200 primeiros resultados de cada busca pela ferramenta Google.

As expressões de busca inicialmente escolhidas, devido ao caráter altamente polissêmico, nos forneceram pouquíssimos resultados válidos (19 ocorrências, num universo de 4800). Assim, por estratégia analítico-metodológica mais eficiente, passamos a incluir a estrutura “até que” na configuração do objeto de pesquisa. Uma vez que “até que” reforça o aspecto argumentativo do

enunciado no qual ocorre, sua inserção nas expressões de busca é vista como favorável em termos metodológicos – pela possibilidade de obtenção de mais resultados válidos. Desse modo, as expressões de busca passaram a ser: “até que para/prá alguém”, “até que para/prá quem”, “até que para/prá um” e “até que par/prá uma”. Assim, após este tratamento dos dados, obtivemos 385 ocorrências válidas (em um universo de 800 sentenças, representando assim 48% de dados válidos). Essa nova configuração estabelece que a contraparte X, acionadora de concessividade e comparação, venha sempre anteposta ao comentário e seja marcada por ênfase, por meio de “até que” – justificando assim o nome dado à construção.

Logo, neste trabalho, iremos tomar para a discussão dos dados apenas as ocorrências provenientes do conjunto “ATÉ QUE PARA/PRA UM/UMA”, devido ao fato de ser este o mais representativo da construção, com 286 ocorrências (75% do total, com 195-UM e 91-UMA). Além disso, em termos analíticos, X-UM e X-UMA apresentam caracterização e distribuição dos dados bastante homogêneas entre si, comportando-se holisticamente, o que possibilita mais generalizações.

4. Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos alguns levantamentos para afirmar que “ATÉ QUE PARA X, Y” é uma construção concessiva e comparativa.

4.1. Constituição de x

O conjunto aqui estudado, “ATÉ QUE PARA UM/UMA”, é formado por artigo indefinido no singular, na forma masculina ou feminina, seguido de Sintagma Nominal também no singular, que pode ser SN simples e individualizado (artigo indefinido + substantivo) ou um sintagma complexo (artigo indefinido + substantivo + complemento). Vejamos as seguintes ocorrências ilustrativas:

(2) Até que para uma *petista* não sou tão má assim, não é, chê? (YR: Ciências Humanas/2007/375)

(3) Muito boa sua postagem Lobo, até que pra um *cara que a mamãe teve que ajudar a*

passar de ano, você escreve bem pra caraca rrsrrsrrs... (Blog: Banda capitão mamão/2008/232)

Em (2), a avaliação do comentário de Y recai sobre uma concepção generalizada de “petista”, que incorpora, em um único léxico, um conjunto de orientações político-partidárias. Já em (3), a estrutura com o pronome relativo “*que*” é usada para especificar o léxico “cara”. Para elogiar de forma jocosa o amigo, o autor do blog circunscreve um tipo específico de cara (que supostamente não saberia escrever bem), acionando situação constrangedora do passado, para se referir propriamente a Lobo e, a partir daí, promover um acionamento específico de expectativas em X.

Assim, a extensão do material linguístico empregado em X suscita algumas considerações. O X é considerado de curta extensão quando for preenchido por geralmente um item lexical anexado à expressão de busca. É considerado de longa extensão nas situações em que há material mais extenso, que caracterize mais pormenorizadamente o elemento ATÉ QUE PARA X. As diferentes extensões de X alinham-se, dessa forma, às diferentes conceptualizações do elemento que irá disparar um *frame* de expectativas. A quebra de expectativas pode partir de situações mais estereotipadas e cristalizadas socialmente (com X de curta extensão) até situações bastante circunscritas e localizadas (com X de longa extensão). No entanto, casos de X de curta extensão foram os mais frequentes nos dados. Isso sinaliza que a construção concessivo-comparativa tende a se realizar mais fortemente ancorada no conhecimento compartilhado de estereótipos, capazes de acionar um variado rol de expectativas socioculturais.

4.2. “ATÉ QUE PARA X, Y” é um par forma/função

Como um emparelhamento aprendido entre forma e significado, a estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y” apoia-se igualmente nas esferas formal e semântico-pragmática para promover a leitura concessiva e comparativa de forma holística. Isso quer dizer que o caráter construcional de “ATÉ QUE PARA X, Y” se estabelece segundo uma hipótese fraca de composicionalidade. É necessária uma forte interação dos polos sintático e semântico-pragmático na concepção construcional do nosso objeto de estudo. A esfera formal dessa construção prevê a linearidade desses elementos: <até que + para/prá + SN indefinido Singular + Oração>. A partir dessa informação, ilustramos algumas possibilidades de realização da Oração:

(4) Até que para uma criança eu daria este chocolate.

(5) Até que para uma criança Papai Noel existe.

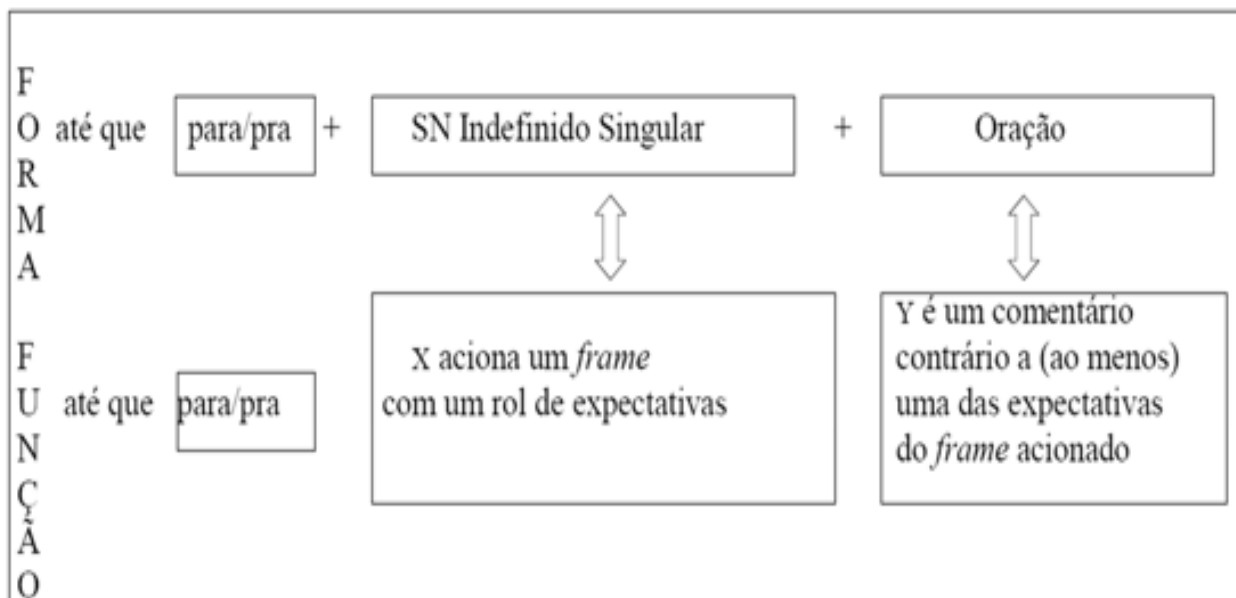
(6) Até que para uma criança ela canta bem.

Apesar de serem todas formadas por Orações, as três opções fornecidas levam a possibilidades de interpretação distintas. Em (4), o sentido global dessa sentença se assemelha a situações de direcionamento ou transferência. Temos aí uma cena de transferência com o verbo “dar”, em que o tema “este chocolate” é direcionado ao alvo “uma criança”. No caso, o falante possivelmente estipularia o critério “ser criança” para se receber o chocolate. Em (5), a leitura global parece ser a de emissão de opinião ou crença, no sentido de que a ideia da existência de Papai Noel estaria condicionada à crença de quem é criança. A opção (6) ocorre nos dados como (7):

(7) “Filha, não sei qual é o seu problema com essa garota, até que pra uma criança ela canta razoavelmente bem.” (YR: Celebidades/2010/384)

A ocorrência (7) estabelece uma relação direta entre “ela” (essa garota) e “uma criança”, com uma contraexpectativa – atenuada pelo uso de “razoavelmente bem” – para expressar a qualidade vocal da suposta cantora mirim.

Assim, uma vez que a configuração formal, por si só, não dá conta de garantir o sentido concessivo-comparativo da construção, há necessidade de ancoragem semântica, que restrinja que a Oração em Y seja um comentário contrário às expectativas acionadas em “ATÉ QUE PARA X”. Essa relação é evidenciada no quadro a seguir:



Quadro 2: Relação forma e função em “ATÉ QUE PARA X, Y”

Assim, é estabelecido um elo entre os polos sintático e semântico-pragmático na construção. Neste sentido, o empenho do caráter indefinido da descrição feita na contraparte “(ATÉ QUE) PARA X” contribui para a configuração concessivo-comparativa da construção.

Em função do aporte teórico da Gramática das Construções, lidamos com uma premissa básica de que a atribuição de sentido deve levar em conta as pistas linguísticas formais. Uma das pistas linguísticas utilizadas por esta construção é a restrição de que o elemento em “ATÉ QUE PARA X” seja linguisticamente marcado como indefinido (pronome indefinido ou artigo indefinido + SN).

Retomando o exemplo (6), as interpretações de direção (cantar bem para uma criança ouvir) e de opinião/crença (cantar bem na opinião de uma criança), ainda que pareçam forçosas, são linguisticamente possíveis. Aplicada aos dados reais, a interpretação para um enunciado próximo ao (6) parece seguir uma preferência de leitura concessivo-comparativa, corroborada pela configuração estrutural sintático-semântica da instância, como se nota pelo exemplo (7).

O uso de descrição indefinida proporciona, pois, a possibilidade de três interpretações. Se a descrição em x for definida (“até que para a criança, ela canta bem”), as interpretações mais plausíveis serão de opinião e direcional, excluindo-se, em potencial, a interpretação concessivo-comparativa. No caso da estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y”, parece-nos que as três possibilidades interpretativas apresentadas não têm o mesmo *status*. Quanto a isso, é importante ressaltar que, na ocorrência real

de (7), a presença de “*até que*” parece contribuir para reforçar a leitura concessivo-comparativa, na medida em que destaca a relação de contraexpectativa, atribuindo-lhe maior notoriedade.

4.3. “(ATÉ QUE) PARA X, Y” é uma construção concessiva

Conforme visto em (7), a leitura concessiva é preferencialmente acionada, em detrimento de leituras direcionais ou de opinião. A estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y” atua, pois, como uma instrução parcial, convidando o leitor a inferir a relação de concessividade. Portanto, faz parte das estruturas que passam a ter uma leitura concessiva graças ao enriquecimento pragmático. Corrobora, dessa forma, a teoria da composicionalidade fraca de construções (GOLDBERG, 1995), uma vez que não há item independentemente reconhecido canonicamente como concessivo.

Discutimos, a seguir, alguns dos aspectos caracterizadores das relações concessivas (canônicas), que se aplicam à estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y”.

A noção básica de concessividade é a coocorrência de duas situações assumidas como conflitantes. Na relação “embora p, q”, o conteúdo do segmento “q” é um tipo de situação que ocorre em condições desfavoráveis, acionadas em “p”. Considerando a estrutura “ATÉ QUE PARA X, Y”, temos que em ATÉ QUE PARA X é descrito um tipo de situação assimilada como desfavorável à situação descrita em Y, e, portanto, conflitante com esta. A situação trazida por ATÉ QUE PARA X é conceptualizada como um obstáculo à realização da situação descrita em Y. Partindo da premissa de que a construção concessivo-comparativa ATÉ QUE PARA X, Y concebe a situação de Y como contrária às expectativas ativadas pelo *frame* acionado em X, ilustramos duas proposições, formadas pela relação concessiva canônica:

(8) Apesar de ser velho, ele tem uma memória/visão/audição/coordenação motora ótima.

(9) Apesar de ser velho, ele tem um corpo *vigoroso/ esbelto*.

Aplicando a fórmula discutida por König (1985) de pressuposição subjacente à concessiva “(normalmente) se p, então não-q”, temos (10) e (11), respectivamente:

(10) (normalmente) se é velho, então não tem memória visão/audição/coordenação motora

ótima.

(11) (normalmente) se é velho, então não tem um corpo vigoroso/ esbelto.

Os exemplos em (10) e (11) consolidam concepções culturais difundidas sobre o processo de envelhecimento nos seres vivos, e suas consequências do ponto de vista biológico-cognitivo e também do ponto de vista estético. Uma vez que a configuração das concessivas lida com a quebra de expectativas, ilustramos situações reconhecidas e compartilhadas acerca da relação entre idade e habilidades cognitivas – em (12) – ou entre a idade e padrões de beleza – em (13). Em ambos os exemplos, “ATÉ QUE PARA X” aciona a ideia de um homem velho:

(12) Eis que o Anão que estava com a sua mãe, diz: “Até que para um velhinho ele dirige muito bem!” (Blog: Fermano/2012/191)

(13) mas as fotos dele na revista gay, até que pra um coroa ele tá com um corpichu gostoso....(YR: Entretenimento/2006/290)

Em (12), a ocorrência da construção se dá na fala reportada de um menino de 10 anos, chamado de Anão por seu comportamento precoce, a respeito do taxista com o qual fazia uma viagem. O autor da postagem caracteriza o taxista como “*um experiente motorista de praça, beirando uns 75 anos. Cabelos branquinhos, aquela cara de vô que leva a turma para a praia, sabe?*”. O elogio feito pelo menino é apresentado no texto após um trecho que destaca a capacidade de dirigir do taxista, em: “*O motorista entra numa rua, sai em outra foge do trânsito com destreza*”. A ocorrência corrobora a ideia de que não se espera que um “velhinho” tenha excelente habilidade em dirigir.

A ocorrência (13) aciona a relação entre idade e padrões de beleza. Em pergunta, a autora Leninha pede opinião dos usuários sobre o estilista Ronaldo Éesper. Na parte das respostas, a usuária faz elogio ao porte físico do estilista, que havia posado nu em uma revista aos 61 anos de idade. A contraexpectativa é acionada pela relação entre ser “coroa” e ter, ao mesmo tempo, um “*corpichu gostoso*”.

O que percebemos nos casos descritos em (12) e (13) é que a quebra de expectativas em Y aponta para um aspecto dentro do rol de expectativas que podem ser geradas pelo lexema usado em “(ATÉ QUE) PARA X”. O lexema “velho” (e os termos correlacionados: “velhinho” e “coroa”) ativa em potencial uma série de expectativas variadas. Podemos considerar que a relação entre expectativa (X) e quebra de expectativa (Y) é endossada por conhecimentos compartilhados em relação à trajetória de envelhecimento físico, natural e previsível nos seres vivos. Por outro lado, a configuração da construção parece impelir a uma aplicação local e situada de contraexpectativa entre X e Y. Consideremos o exemplo em (14):

(14) Melhor resposta: Até que para uma pessoa mal humorada assim, vc gosta de boa música. (YR: GLBT/2011/369)

Em (14), o autor de uma pergunta em Yahoo Respostas, LupascoMéchant, comenta que gosta de David Bowie e pergunta aos usuários se eles conhecem o cantor britânico. Na parte de respostas, o usuário refere-se ao seu interlocutor e autor da pergunta como “*uma pessoa mal humorada*”, e comenta, em Y, que este “*gosta de boa música*”. A partir da construção, o usuário marca uma contraexpectativa acionada localmente entre ser mal humorado e ter bom gosto musical.

A ocorrência (14) é ilustrativa de casos em que o sentido construcional como um todo impulsiona a reanálise de Y e X como situações conflituosas entre si, uma vez que passam a ser assumidas como situações conflitantes. Somos levados a inferir que, entre X e Y, há uma incongruência que, *a priori*, não seria necessariamente motivada pelos *frames* dessas duas situações em separado. Por outro lado, *a posteriori*, a incongruência parece se manter no nível discursivo, uma vez que é acionada localmente.

4.4. “(ATÉ QUE) PARA X, Y” como uma construção comparativa

O sentido básico de comparação acionado nesta construção é o de atribuir valores relativamente a um grupo, entendido como um padrão norteador da comparação, e relacionar tais valores a um membro específico desse grupo. A comparação implícita (com o item explicitado), discutida na subseção 2.3, é avaliativa no sentido de situar um atributo graduável de um item em determinado nível escalar tomando um padrão como referência. Essa operação perpassa o sentido da CCCAE como um todo, uma vez que o comentário avaliativo de Y (que, geralmente, lida com atributos graduáveis) é

relativizado a um padrão comparativo acionado em ATÉ QUE PARA X. Vejamos a ocorrência (15):

(15) Até que para um jogo de 1998 os gráficos são muito bons, principalmente considerando a tecnologia (sic) da época. (Blog: Jow feel the feeling/2012/174)

Em (15), o autor faz críticas negativas, em vários trechos do texto, em relação à baixa qualidade da estrutura do jogo. A ocorrência da construção inicia um parágrafo a partir do qual o texto passa a destacar aspectos positivos do jogo. É preciso levar em consideração o tempo de produção do jogo, 1998, que é uma época em que os gráficos não tinham alta qualidade. A relativização é reforçada pelo uso de “*principalmente considerando a tecnologia da época*”.

Neste exemplo, estão presentes os três elementos essenciais na comparação, segundo Huang, Shih & Chen (2008): os itens comparativos, os atributos e as variações (graus). Os itens comparativos são: “os gráficos [do jogo *Tenchu: The Stealth Assassins*, de 1998]”, como o item avaliado, e “um jogo de 1998”, como o padrão comparativo (generalizado). O atributo a respeito do qual é feita a comparação é a qualidade, acionada pelo adjetivo de uso geral – “bom”. A variação dos gráficos de jogos na escala de qualidade é ativada pelo intensificador “muito”, que situa o atributo em nível escalar elevado (acima das expectativas estabelecidas pelo padrão comparativo). As expectativas sobre qualidade gráfica de jogos de videogames produzidos antes de meados da década de 2000 são tacitamente baixas.

Considerando-se os três elementos do *frame* Comparação, mencionados por Hasegawa et al. (2010), a saber: “atributo”, “item” e “padrão”, podemos perceber certa aproximação com a construção por nós estudada. A cena evocada neste *frame* geralmente exhibe a comparação implícita entre dois entes (“item” e “padrão”).

Diferentemente, em CCCAE, a expressão linguística que se refere ao “padrão” ocorre aparentemente como um referente individualizado, mas aciona um grupo, uma categoria geradora de expectativas. A comparação passa a ser, portanto, entre o ente (y) e sua categoria (x). Assim, o papel do sintagma em x tem uma dupla possibilidade de referência. Consideremos o enunciado (16), em que, no texto de uma peça teatral que retrata uma cena de julgamento, a personagem “Juíza” se dirige à testemunha, “Pedrinho”:

(16) Juiza: Hum!... Que estranho! Aqui consta que o Sr. é menino de rua. Até que para um menino de rua o Sr. Está bem apresentável!... (Blog: Profe Neiva Ester/2012/160).

No plano do material linguisticamente expresso, a descrição pode ser pensada da seguinte forma: Pedrinho (o SN “o Sr.”) alinha-se ao “item” na cena de comparação. Afinal, é ao Pedrinho que se refere a cena. O “atributo” avaliado é “*apresentável*”, que, como um atributo graduável, ocorre com o grau (*bem*) que o situa em um nível alto em uma escala. O Sintagma Preposicional “para+SN” liga-se ao “padrão” comparativo, que é “*menino de rua*”.

Já no plano conceptual, “menino de rua”, inicialmente marcado como “padrão”, passa a ser avaliado como uma categoria. Ocorre uma espécie de *mismatch*¹⁶ no sentido de que a configuração sintática do elemento (“*um menino*”) está no singular (e, por *default*, seria aplicada a um indivíduo), mas direciona-se a um conjunto, a um grupo de indivíduos. A expressão “*para um menino de rua*” seria então interpretada como “para um membro (qualquer) da classe dos meninos de rua”. O diagrama a seguir ilustra essa articulação:

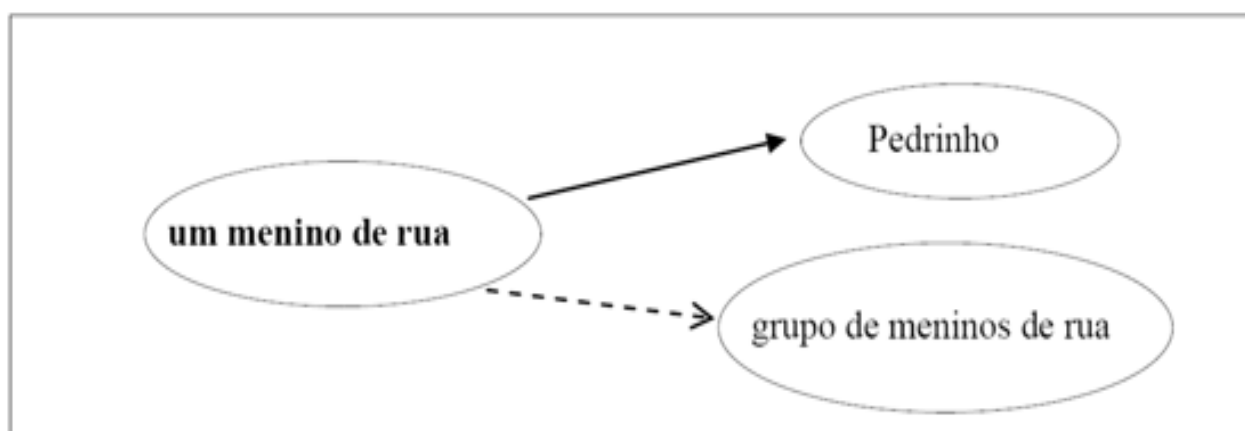


Figura 1: *Mismatch* na contraparte ATÉ QUE PARA X

O uso do Artigo Indefinido “um” permite essas duas leituras concomitantes. Ao mesmo tempo em que “*um menino de rua*” liga-se diretamente a “*Pedrinho*”, aponta, também, para um conjunto maior, do “*grupo de meninos de rua*”, abarcando expectativas geradas para esse conjunto. Diante dessa discussão, consideramos que nossa construção imprime, de fato, uma leitura comparativa, uma vez entendida a comparação como um processo que é bastante latente quando falamos em atributos.

16 O *mismatch* é considerado uma situação de incompatibilidade entre características sintáticas de um item e sua respectiva atribuição semântica.

4.5. Proposta de configuração da CCCAE inspirada no projeto *Constructicon*

A esquematização de uma configuração linguística particular que aciona um sentido particular pode ser facilitada pela forma como o projeto *Constructicon* descreve construções (de variados níveis gramaticais). Tomando a proposta de Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), a Construção de Realização do Qualificador de Grau (CRQG) apresenta uma estrutura semelhante à nossa. Nesta construção “mãe”, formada por duas “filhas”, F1 apresenta um adjetivo (ou advérbio) modificado em grau e F2 apresenta um qualificador da modificação do grau (cf. discutido em 2.1).

Considerando-se “ATÉ QUE PARA X” como o papel do qualificador da modificação de grau e Y como o papel da modificação de grau, verificamos que em 32% do total (considerando-se todas as 385 ocorrências obtidas) a contraparte Y lida com a modificação de grau de adjetivos ou advérbios.

Nesse sentido, poderíamos supor que CCCAE seria uma versão da CRQG em que há, primeiro, a qualificação da modificação do grau e, em seguida, a modificação de grau de algum adjetivo (ou advérbio). Uma adaptação (forçada) para a descrição construcional nesses termos seria (17):

(17) {^{CRQG}[^{Qualificador} até que para um menino de rua] [^{Modificador de grau} o Sr. está bem apresentável!]}

Entretanto, a linearidade F1 e F2, própria da CRQG, não estaria sendo respeitada¹⁷ em CCCAE. Partindo do princípio da não-sinonímia entre construções, de que para cada forma há uma função (cf. GOLDBERG, 1995), a alteração formal existente em uma construção leva à postulação de nova construção. Assim, com base no esquema proposto por Fillmore, Lee-Goldman e Rhomieux (2012), propomos a descrição para CCCAE em (18):

(18) {^{CCCAE} [^{Enfatiza/Aciona frame X} até que para um menino de rua] [^{Comentário contrário a X} o Sr. está bem apresentável!]}

No quadro 3, é oferecida a representação informal (em prosa) da CCCAE:

17 Apresentar primeiro o atributo modificado em grau e, depois, apresentar o qualificador do grau é um tipo de configuração mais próximo da construção que chamados de Construção Concessivo-Comparativa Posposta, como em “o Marcos Valério está {[Modificador de grau muito tranquilo] [Qualificador pra alguém que tem medo de ser morto]}”.

Nome	Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática
M	Oração com adjunção anteposta.
F1	Sintagma Preposicional, formado por estrutura argumentativa “até que” + preposição “para” + Sintagma Nominal Indefinido Singular + (complemento nominal).
F2	Oração.
Interpretação	O elemento em F1 (SN Indefinido) aciona uma categoria que evocam <i>frame</i> , gerando expectativas. O comentário avaliativo feito em F2 é analisado como contrário a ao menos um aspecto dentre o rol de expectativas geradas pelo <i>frame</i> do elemento citado em F1. O comentário em F2 é comparativo em relação ao <i>frame</i> evocado em F1, e, no caso de haver atributos graduáveis em F2, estes são situados numa escala em nível superior ou inferior (não igual) à expectativa de F1. Em sua configuração mais prototípica, F2 apresenta um elemento que funciona como membro (não prototípico) da categoria evocada em F1.
Pragmática	A estrutura argumentativa factual “até que” dá ênfase à informação de F1. O comentário contrário em F2 é, então, assumido como ainda mais discrepante das expectativas geradas em F1.

Quadro 3: Representação da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática

A ativação do *frame* evocado em F1 elege tacitamente os bons representantes das categorias acionadas, por meio de efeito de prototipia. Os elementos contidos em F2 não são bons representantes das categorias, uma vez que a posição em que estão situados em uma escala (de atributos, por exemplo) marca o distanciamento da categoria. Ampliando-se o contexto do exemplo (16), percebemos, na continuação do diálogo, que o distanciamento entre F1 e (as expectativas de) F2 é justificado textualmente. Vejamos (19) :

(19) Juíza: Hum!... Que estranho! Aqui consta que o Sr. é menino de rua. Até que para um menino de rua o Sr. Está bem apresentável!...

PED: Sra. Juíza, há um engano no seu relatório. Agora eu sou um “ex-menino de rua” - há um bom tempo já não vivo mais na rua... (Blog: Profe Neiva Ester/2012/160)

Por meio da construção, é inferido que o personagem Pedrinho se distancia das expectativas em torno da categoria “menino de rua”. Devido a condições socioeconômicas altamente desfavoráveis, meninos de rua geralmente se apresentam subnutridos e mal vestidos. Pedrinho é visto como um

membro não prototípico exatamente por estar “bem apresentável”. A discrepância entre o personagem e a categoria é evidenciada ao percebermos, textualmente, que Pedrinho, de fato, não é membro da categoria, em sua resposta à Juíza: “Agora sou um ‘ex-menino de rua’”.

4.6. Estrutura radial da construção

A partir de uma análise construcionista ancorada na plausibilidade psicológica da abordagem, podemos incorporar a noção de radialidade para organizar as construções. Por meio da estrutura radial das categorias (cf. LAKOFF, 1987), assume-se que, em posição central, situam-se os membros considerados prototípicos (os exemplares típicos), e, na periferia da estrutura, estão os membros considerados menos prototípicos na categoria.

Aplicando essa noção para a CCCAE, percebemos que algumas configurações dessa construção exibem efeitos de prototipicidade, enquanto outras configurações assumem um caráter mais periférico e fronteiro. A noção de centralidade nesta construção está relacionada ao nível de correferencialidade sintático-semântica apresentada entre x e o elemento citado em y. Verificamos dois tipos de configuração: Com-correferencialidade (ou correspondência), ou Sem-correferencialidade entre x e y.

Os casos Com-correferencialidade entre x e y representam 83,2% das ocorrências totais (ou seja, 320 sentenças). Contemplam as situações em que o elemento x aciona um *frame*, relacionado a uma categoria, e, no comentário de y, está contido um elemento (indivíduo ou entidade) que é concebido como um membro menos prototípico da categoria acionada por x. O elemento em y pode ser ligado a x por uma relação um-a-um (como SN ou pronome pessoal), por um pronome possessivo, ou, ainda, pode ser depreendido por pistas linguísticas que acionam uma relação de correferencialidade. Vejamos alguns exemplos:

(20) Até que pra uma salada, essa aí ficou bem gostosinha! (Blog: Temperinhos/2009/362)

(21) Fonte(s):Até que para um Ignóstico, a minha resposta foi boa kkk’ (YR: Religião e Espiritualidade/ 2012/254)

(22) Até que para um capítulo que demorou tanto, ficou bem pequeno o final, né não, pessoas? (Blog: Jemi Believe in me/2012/109)

Em todas essas instâncias, observamos a relação direta entre o elemento contido em y e o elemento disparado em x. Assim, em (20), “*essa aí*” [salada de rúcula com camarão] liga-se diretamente a “*uma salada*”, como um membro (não prototípico) desse tipo de prato. Na resposta

dada em (21), o usuário Guilherme liga-se ao grupo de pessoas agnósticas por meio do pronome possessivo “*minha*”. Em (22), é depreendida uma relação de meronímia (relação entre parte e todo). Subentende-se que a autora se refere, em Y, ao final do capítulo de sua narrativa. O quesito “final” faz parte do esquema conceptual de “capítulo” (que, como uma estrutura textual, tem início, meio e fim como partes constitutivas). Assim, embora não se esteja falando exatamente da mesma coisa em X e em Y, percebe-se uma relação intrínseca de parte-todo, que atua como uma correspondência.

Os casos Sem-correferencialidade entre X e Y são situações em que não é depreendido (por meio de alguma forma codificada) nenhum tipo de correspondência sintático-semântica entre X e Y. Para que seja estabelecida a relação concessivo-comparativa, é necessário um processo de inferência ainda mais dependente do contexto sócio-histórico e sociocultural envolvido. Ou seja, é preciso que mobilizemos outros conceitos, relacionados aos que são efetivamente relatados na expressão ATÉ QUE PARA X, Y. A configuração Sem-correferencialidade entre X e Y corresponde a 16,5% (63 sentenças) das ocorrências totais da CCCAE. Vejamos o exemplo a seguir:

(23) Até que para um primeiro outdoor o novato se deu bem, né? Vamos aguardar o que vem por aí! (Blog: All very beautiful/2011/153)

Em (23), a autora da postagem divulga que o modelo Patrick Schwarzenegger, de apenas dezessete anos, havia feito sucesso em sua primeira aparição em *outdoor* de divulgação da marca *Hudson Jeans*. Para estabelecer uma relação de contraexpectativa, a autora situa os dois termos “*um primeiro outdoor*” e “*o novato*” na estrutura da CCCAE. A combinação desses segmentos, no contexto concessivo-comparativo, faz acionar a inferência de que se trata do primeiro *outdoor* em que Patrick Schwarzenegger aparece.

Algumas ocorrências de configuração Sem-correferencialidade menos frequentes referem-se a conceitos absolutamente distintos que estão dispostos numa relação de relativização. São casos em que é estabelecida uma adequação de Y exclusivamente ao conceito acionado por X. Esses casos são mais fronteirços e acionam um sentido de conformidade restrita/exclusiva. Ocorre, assim, uma relativização do que é afirmado em Y, sendo o comentário em Y condicionado a X. Vejamos:

(24) Até que para um jantar sem reserva, em pleno sábado à noite, esperei pouco. Uns 45 minutos. Acompanhada de um bom vinho, de uma entradinha na medida e de uma conversa para lá de especial. (Abril: Viaje Aqui/2009/102)

Em (24), uma espera de 45 minutos – relativa ao fato de se tratar de famoso restaurante em

São Paulo (Maní), em um dia de semana agitado, e sem reserva – passa a ser considerada pouca. Nesses tipos de ocorrência, os segmentos em X e Y, isoladamente, não mantêm relações semânticas apriorísticas entre si. É a estrutura concessivo-comparativa, aliada a um empenho inferencial do falante, que faz emergir o sentido *a posteriori* de relação entre os conceitos. Assim, o material circunvizinho é responsável por possivelmente enquadrar a construção como concessivo-comparativa.

Há, ainda, uma configuração bastante peculiar que corresponde a 0,3% (uma sentença) dos casos da construção, com Y não imediato. Refere-se a uma configuração atípica e contempla ocorrências que só apresentaram a contraparte ATÉ QUE PARA X (sem a contraparte Y imediatamente), seguida por reticências. O exemplo a seguir é ilustrativo dessa situação:

(25) E ai ?Ate que para uma caixa de bolomas ainda estou aqui olhando pra ela e pensando onde utiliza-la ,ela esta muito bonitinha para ficar dentro do armário, não acha??
(Blog: Elis Bianchi/2011/329)

Em (25), a autora Elisana faz postagem sobre seu trabalho artesanal de reciclagem de uma caixa de bolo, em que relata os passos. Ao final da postagem, por meio do uso da expressão “ATÉ QUE PARA X...”, a autora parece sugerir que fará uma relação de contraexpectativa, em relação às expectativas baixas de qualidade artesanal para uma caixa de bolo. Em seguida, ao comentar que “*ela está muito bonitinha para ficar dentro do armário*”, como sinal de elogio, a autora sinaliza que as possíveis expectativas contrárias à qualidade do produto foram superadas.

Diante dessa discussão, e tomando como base um forte empenho de processos inferenciais apoiados tanto em conhecimentos enciclopédicos como nas pistas textuais e cotextuais, consideramos que (26) seria uma sentença candidata a uma possível paráfrase da CCCAE em (25):

(26) Até que para uma caixa de bolo, ela está muito bonitinha para ficar dentro do armário.

Os tipos assinalados como Com-Correferencialidade são considerados aqueles que assinalam a configuração central da CCCAE. Para tanto, adotamos dois critérios: o qualitativo e o quantitativo.

- a) Em termos qualitativos: o sentido concessivo-comparativo da estrutura se impõe nos casos de configuração Com-correferencialidade, uma vez que, nesses, o esforço inferencial do falante parece ser menos dependente da mobilização de conhecimentos extralinguísticos para a atribuição de sentido. Buscamos evidenciar esse critério a partir da discussão detalhada das ocorrências ilustrativas de cada tipo de correferencialidade.
- b) Em termos quantitativos: as configurações consideradas nucleares (Com-correferencia-

lidade) representam 83,2% das ocorrências de CCCAE, totalizando, portanto, o maior número de ocorrências (320 sentenças).

Assim, no núcleo da construção, está a configuração Com-correferencialidade, que situa a estrutura concessivo-comparativa numa relação um-a-um. Engloba os chamados “bons exemplares” da construção, que geram efeitos de prototipicidade. Em uma posição intermediária, está a configuração Sem-correferencialidade, que relaciona conceitos semanticamente próximos na relação de contraexpectativa. A posição passa a ser mais periférica quando requer maior dependência contextual para acionar a relação de contraexpectativa. Nesses casos, a relação se torna fronteira com o sentido de conformidade restrita/exclusiva.

Tomando a configuração Com-correferencialidade como a configuração central, temos o seguinte esquema em (27):

(27) até que para x [SN INDEFINIDO- CATEGORIA QUE ACIONA *FRAME*] y [SV/ORÇÃO- COMENTÁRIO CONTRÁRIO/ ELEMENTO EM Y É UM MEMBRO NÃO PROTOTÍPICO DE X]

Assim, em sua configuração mais emblemática, a CCCAE assume que entre x e y há (direta ou indiretamente) uma correferencialidade. Y é um membro não prototípico de x, uma vez que se instaura como elemento que quebra as expectativas acionadas pelo *frame* disparado por x. As diferentes configurações dos níveis de correferencialidade e sem-correferencialidade entre x e y endossam a proposta de que, em maior ou menor medida, o falante que estrutura sua sentença como uma CCCAE conta com a cooperação interpretativa de seu interlocutor para depreender, assim, que duas situações estão sendo assumidas como dissonantes.

Considerações finais

Esperamos ter demonstrado, ao longo deste artigo, que a estrutura “ATÉ QUE PARA X [ACIONA *FRAME*/EXPECTATIVAS], Y [COMENTÁRIO CONTRÁRIO]” é uma construção concessivo-comparativa, instanciada como CCCAE. Esta imprime um sentido holisticamente depreendido como concessivo, que se assemelha, em certa medida, às relações de concessividade canonicamente expressas por “embora p, q”. O comentário avaliativo feito em Y ganha notoriedade a partir da contraparte “ATÉ QUE PARA X”, uma vez que essas contrapartes passam a ser assumidas como situações conflituosas.

A partir da noção de radialidade para tratar a centralidade de configurações construcionais, assumimos que as situações que denotam uma correferencialidade (direta ou indiretamente reconhecida) entre x e o elemento avaliado em Y são as mais centrais (em termos qualitativos e

quantitativos). Nesses casos, a relação concessivo-comparativa parece se impor mesmo em situações que, *a priori*, não são reconhecidas como conflituosas.

Por viabilizar a descrição de construções em todos os níveis, a proposta descritiva desenvolvida pelo projeto *Constructicon* contribuiu como forma de esboçar a configuração da CCCAE (que não faz parte de Construções de Estrutura Argumental) como uma construção que, embora bastante similar às de Realização do Qualificador de Grau, tem emparelhamento próprio.

De acordo com os dados analisados, CCCAE demonstra ser uma construção do deboche, do sarcasmo e da ironia; construção do cotidiano e da informalidade. Instancia situações que, em diversas vezes, acionam estereótipos, cristalizados ou circunscritos, numa relação que oscila entre corroborar a existência do estereótipo, naturalizando-o, e, então, quebrar as expectativas já estereotipadas.

REFERÊNCIAS

BOAS, Hans. Comparing constructions across languages. In: _____ (Ed). *Contrastive studies in construction grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010. pp: 1- 20.

FILLMORE, Charles. J. Frame Semantics. In: *Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981*. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.

FILLMORE, Charles; LEE-GOLDMAN, Russel; RHOMIEUX, Russel. The FrameNet Constructicon. In: BOAS, Hans; SAG, Ivan. (Eds). *Sign-based construction grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012.

FRETHEIM, Thorstein. Interpreting concessive adverbial markers in English and Norwegian discourse. IN: *Reports of the project Language in Contrast*. 2001. Disponível em:

<<<http://www.hf.uio.no/ilos/forskning/prosjekter/sprik/pdf/fretheim.pdf>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

GOLDBERG, Adele. *Construction: A construction grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: The Oxford University Press, 2006.

HASEGAWA, Yoko et al. On expressing measurement and comparison in English and Japanese. In: BOAS, Hans. (Ed). *Contrastive studies in construction grammar*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

HUANG, Shu-Ling; SHIH, Yueh-Yin; CHEN, Keh-Jiann. Knowledge representation for comparative constructions in Extended-HowNet. In: *Language and Linguistics* 9.2. 2008. pp: 395-413. Disponível em:

<http://ckip.iis.sinica.edu.tw/CKIP/paper/Knowledge_Representation_for_Comparative_Constructions_in_Extended-HowNet.pdf>. Acesso em: 18 mai. 2015.

KÖNIG, Ekkehard. On the history of concessive connectives in English. Diachronic and synchronic evidence. IN: *Lingua*. V. 66. 1985. Disponível em:

<<<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez25.periodicos.capes.gov.br/>>>. Acesso em: 18 out. 2013.

KÖNIG, Ekkehard; SIEMUND, Peter. Causal and concessive clauses: Formal and semantic relations. IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University Chicago Press, 1987.

PIRES, Gabriela da Silva. *Abordagem semântico-pragmática da Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Simples "PARA X, Y" e Construção Concessivo-Comparativa Anteposta Enfática "ATÉ QUE PARA X, Y"*. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFJF. Juiz de Fora/MG, 2016. 277 fl.

PIRES, Gabriela da Silva; ROCHA, Ana Paula Antunes. A gramaticalização de Até Que. IN: *Gláuks- Revista de letras e artes*. Vol. 11, nº 1. Viçosa: UFV; DLA, 2011.

VERHAGEN, Arie. Concession implies causality, though in some other space. IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse Perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.